

RESENHA CRÍTICA DO LIVRO "A DIVERSIDADE SEXUAL NA EDUCAÇÃO E OS DIREITOS DE CIDADANIA LGBT NA ESCOLA", DE MARCO ANTÔNIO TORRES

CRITICAL REVIEW OF THE BOOK "SEXUAL DIVERSITY IN EDUCATION AND LGBT CITIZENSHIP RIGHTS AT SCHOOL", BY MARCO ANTÔNIO TORRES

RESEÑA CRÍTICA DEL LIBRO "DIVERSIDAD SEXUAL EN EDUCACIÓN Y DERECHOS DE CIUDADANÍA LGBT EN LA ESCUELA", POR MARCO ANTÔNIO TORRES

Alice Ramos Borges, Emilly de Jesus Franco Silva,
Sheila Couto de Sena e Sueli Dias dos Santos¹

¹Univeversidade Federal do Pará, Belém/PA, Brasil.

TORRES, Marco Antônio. *A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

A obra intitulada a "A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola", vai trazer como tema central o não reconhecimento das expressões e práticas da diversidade sexual na educação, especificamente nas escolas, e tem como objetivo multiplicar as possibilidades de reflexão sobre a diversidade, e promover ações que levem seu reconhecimento na educação. O autor vai se fundamentar no conceito de configuração social, para abordar diversos pontos que levam a um questionamento da heterossexualidade como modelo único da sexualidade.

A COMPREENSÃO DA SEXUALIDADE POR MEIO DA DIVERSIDADE SEXUAL

A partir das últimas décadas do século XX, ocorreram profundas mudanças na vida das pessoas em relação a suas percepções de gênero e sexualidade. As noções de gênero e sexualidade sofreram mudanças, passando a admitir exceções, ou melhor, passando a incorporar a diversidade. As formas de expressar a sexualidade estão relacionadas com a história de vida das pessoas, ou seja, existe uma singularidade das expressões sexuais. As expressões da sexualidade dependem também do contexto social, em outras palavras, depende se essa pessoa que expressa a diversidade sexual estar inserida em uma classe da elite ou não, se mora nos grandes centros urbanos ou em municípios interiorizados, são estes fatores que vão determinar as suas diversidades de vivências.

O contexto histórico é, do mesmo modo, fundamental para analisarmos as sexualidades, cuja compreensão está relacionada às alternativas e os limites que ele coloca. Cada período

histórico apresenta diferentes maneiras de ver e entender os mais diversos fenômenos e de posicionar-se em relação a eles. Algumas dessas maneiras tornaram-se tão poderosas e foram tão disseminadas pela educação que passaram a ser tomadas como naturais, como por exemplo o Heterossexualismo.

Nos diferentes contextos sócio-histórico, formam-se constelações de ideias, ocorrem mudanças de costumes, de modo de portar, de vestir, estabelecem-se, enfim, pensamentos e comportamentos que guiam nossas possibilidades e nossos limites de existência. Entender a diversidade sexual a partir do conceito sócio-histórico permite-nos reconhecer que, muitas vezes, repetimos formas de discriminação até mesmo sem perceber. Essa compreensão não seria possível apenas com a consideração de que homens e mulheres possuem diferenças construídas no processo sócio-histórico, é necessário considerar também outros aspectos, que forneceriam novas perspectivas para o entendimento das sexualidades.

Os atos de violência contra a comunidade LGBT, são vistos como manifestação de homofobia, contudo "fobia" sugere que se trata de algo pessoal, que diz respeito a um indivíduo. O autor vai utilizar o termo "heterossexismo" para nomear estes atos, pois este termo define a violência cometida contra a comunidade LGBT, como algo relacionado com as configurações sociais.

ARGUMENTOS CONTRÁRIOS À NOÇÃO DE DIVERSIDADE SEXUAL NAS CONFIGURAÇÕES SOCIAIS

As diretrizes cristãs ao longo da história se afirmaram contra a diversidade sexual, assim o autor se dedica em mostrar como as formas de encarar a diversidade sexual mudaram e se moldaram aos conceitos religiosos cristão como o conceito de família e heterossexualidade em sociedades ocidentais. Ademais, o contexto histórico-social que o indivíduo está inserido influencia diretamente na forma dele ver o mundo, no capítulo temos exemplos de hábitos que passaram a ser condenados pela sociedade, como fumar em qualquer ambiente e a aceitabilidade de pessoas LGBT.

O cristianismo principalmente nos primeiros séculos, sofreu forte influência da cultura grega e judaica, mostrando que desde do seu nascimento como uma religião, se apresentou de forma contraditória, já que na Grécia os estoicos priorizavam a razão em desprezo as emoções e desejos, e em específico na cidade de Atenas relações sexuais entre homens era comum principalmente entre tutores e alunos, onde a penetração representava a passagem do conhecimento, e as mulheres como não eram consideradas cidadãs tinham o ato sexual restrito apenas para procrastinação, e autor não desconsidera a existência da poetisa Safo que tinha obras relacionados ao relacionamento entre mulheres, já em Esparta ocorria relacionamentos entre os soldados. O autor enfatiza como a cultura judaica teve forte presença na formação da doutrina cristã, ou seja, no judaísmo práticas sexuais tornavam o indivíduo impuro e distante de Deus não é ato que apenas a filosofia estoica foi inserida no cristianismo.

Ao longo do capítulo o autor apresenta uma tese que não foi bem aceita pelos historiadores, onde é afirmado que durante os 3 primeiros séculos do cristianismo havia certa tolerância a homens que tinham relações sexuais entre si e que não havia condenação a homens que se entregavam ao pecado. Vale descartar que mesmo com essa tese, ainda foi sistematizado ao longo da história cristã padrões para a sexualidade que se encaminharam contra a diversidade sexual.

Com aumento do poder da idade média a partir do século XV ao XIX, houve fortalecimento da doutrina cristã, que estabeleceu tipos principais de pecados sexuais como os consonantes com a natureza que quando praticados por homens havia certa aceitação social, dentre eles estava o adultério, o incesto e o estupro, mas os contrários a natureza como masturbação e homossexualidade que visavam o prazer e não procriação eram totalmente graves e isentos de perdão, revelando mais uma contradição do cristianismo que prega o amor ao próximo desde que eles estejam seguindo as normas impostas. Dessa forma, o filósofo Michel Foucault analisa como o discurso ocidental se organiza para garantir a disciplina dos corpos através do "dispositivo de aliança" que visava o matrimônio, parentesco e herança e o "dispositivo de sexualidade" relacionado a questões econômicas, ambos estabelecem conceitos voltados para a padronização dos parceiros sexuais e formação de famílias, mostrando mais uma vez como a heterossexualidade se firmou como um modelo a ser seguido em sociedades cristãs e conseqüentemente a ideia de família ideal, ou seja, pais heterossexuais e filhos.

A criação do estado laico no século XVIII poderia ter sido um alívio para a imposição da doutrina cristã em relação à diversidade sexual, já que em tese todas as religiões poderiam ter o direito de existir dentro da sociedade devido a divisão do oficial de estado e religião. Entretanto, os cargos de poder ainda eram ocupados por cristãos sejam eles católicos ou protestantes, visto que por muito tempo apenas homens tinham o direito de apossar-se desses cargos na sociedade. Assim, houve a continuidade da condenação daqueles que não se adequaram à heterossexualidade. Muitos setores como a educação e medicina ainda reproduziram fortemente preconceito contra pessoas LGBT principalmente em países como o Brasil, onde determinados grupos impõem seus ensinamentos religiosos acima da diversidade geral.

Por fim, o autor discute como os conceitos cristãos promoveram fortemente ao longo dos séculos, a criminalização da diversidade sexual e de pessoas LGBT fazendo com que a sociedade que segue as normas cristãs ignore completamente a complexidade e singularidade do sujeito. Em suma, o autor destaca como no século XX e XXI, surgiram fortemente reivindicações de dentro da esfera cristã favoráveis aos direitos de existência da população LGBT, como figuras da igreja católica que se posicionaram publicamente contra o assassinato de homossexuais e como isso fere os direitos humanos. E dentro das ciências médicas o homossexualismo deixou de ser considerado doença mental pela OMS em 1990. Assim, em sociedades em que há forte presença cristã, existem grupos que resistem à condenação da diversidade sexual e da ideia de condenação e pecado formulada ao longo da história cristã contra a comunidade cristã.

AS SEXUALIDADES, O PRECONCEITO CONTRA LGBT E A ESCOLA

O capítulo traz um panorama geral sobre o preconceito que a comunidade LGBTQI+ sofre ao longo de toda a história da humanidade, uma vez que vivemos em uma sociedade patriarcal que valoriza as relações heteronormativas. Nesse sentido, o autor busca apresentar conceitos de identidade de gênero, bem como a persistência de discursos heterossexistas na educação e como essas sentenças podem influenciar ainda mais no preconceito contra esse grupo em um país que mais mata LGBTs no mundo.

Jean Piaget, psicólogo e filósofo acreditava que o desenvolvimento físico e mental dos seres humanos se dá por meio da interação entre o ambiente em que eles estão inseridos. O autor enfatiza, bem como, Piaget que as crenças e pensamentos são influenciáveis pelo meio ao qual o sujeito se insere, nessa perspectiva, na construção do processo histórico foram diversas vezes reproduzidos discursos homofóbicos e preconceituosos que marginalizam e inferiorizam as pessoas não heterossexuais em detrimento dos indivíduos que tinham relações heterossexuais. Para tanto, a aprendizagem não se restringe somente à infância ou início da vida escolar, mas também na velhice é possível que crenças preconceituosas e homofóbicas possam ser substituídas por condutas respeitadas e compreensivas. O autor enfatiza a importância do papel dos movimentos sociais, do movimento feminista, da própria comunidade que defende os direitos de gays, lésbicas, transsexuais e outros, no papel de reorganizar pensamentos e falas patriarcais que não respeitam a pluralidade sexual.

A respeito da diversidade sexual o autor enfatiza que essa também advém de uma construção histórica e social que foi bastante atrelada à religiosidade. Nesse panorama, a cultura cristã disseminou o ideal de práticas sexuais somente após o casamento, e além disso, em um padrão heterossexista, em que qualquer forma de manifestação sexual que fugisse desse modelo a igreja repudia. É bastante interessante como o autor compreende que muitas atitudes e pensamentos preconceituosos que temos estão ligados ao ambiente em que vivemos, às crenças e à moral, mas que podem sempre ser modificados, uma vez que o aprendizado é um fenômeno contínuo.

As noções de identidade de gênero e orientação sexual são outras importantes pautas abordadas no texto. Para isso, o autor utiliza os conceitos dos Princípios de Yogyakarta que apresenta a identidade de gênero como sendo a forma que a pessoa se enxerga e se reconhece, sendo que esta pode ou não estar atrelada ao órgão genital do qual nasceu e nem à orientação sexual a qual se identifica, que está ligada ao sentimento e ao desejo sexual por indivíduos de outro ou do mesmo sexo. Uma mulher transsexual pode sentir atração por homens e mulheres (bissexual), somente por homens (gay), ou somente por mulheres (heterossexual).

Ademais, o autor destaca o papel da escola no processo de amenização do preconceito contra a comunidade LGBTQI, uma vez que esta exerce um cargo de extrema importância, pois toda a comunidade escolar deve acolher os alunos que sofrem com piadinhas de tons pejorativos, falas heterossexistas que podem menosprezar e diminuir os indivíduos dessa comunidade. O

acolhimento desses jovens deve ser feito com muito cuidado, pois se não forem respeitados podem optar por negar sua própria subjetividade, práticas que podem causar danos à sua saúde mental e até mesmo física.

No último tópico do capítulo, destinado à escola, o autor aborda criticamente o preconceito e estigmatização que as pessoas do grupo LGBT sofrem, sobretudo, aquelas que demonstram por sua aparência e estilo. Nesse sentido, ele utiliza o pensamento do sociólogo Norbert Elias para demonstrar as diferenças e oposições entre os grupos, nesse caso, das tribos escolares. Para tanto apesar dos avanços no campo educacional, com a criação de grupos que defendem os direitos dos indivíduos da comunidade LGBTQI+ e da promoção de campanhas de conscientização do preconceito é preciso que o corpo docente, assim como toda a instituição proponham palestras e mesas redondas para o conhecimento sobre identidade de gênero e sexualidade, uma vez que o desconhecimento pode levar a ações preconceituosas. Além disso, faz-se relevante a luta por maiores políticas públicas não somente voltadas para o amparo dessas pessoas, mas sim de prevenção a práticas homofóbicas para que estas possam exercer o direito de manifestar suas subjetividades livremente.

A CIDADANIA LGBT NAS CONFIGURAÇÕES DA EDUCAÇÃO FORMAL E DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Neste capítulo, o autor discute sobre a importância dos espaços não formais de educação na construção da cidadania LGBT. O autor estabelece duas realidades da educação sobre a diversidade sexual, a formal e a não formal, compreendendo que elas podem agir de diferentes formas mas com metas similares, à formação de sujeitos capazes de entender e defender seus direitos. Diante disso, se entende que a educação da população LGBT ocorre melhor em espaços não formais. Pois, as configurações sociais são um conjunto de formas de expressão utilizadas pelas pessoas para se identificarem e se direcionarem umas às outras. Dessa maneira, as configurações sociais dos diferentes ambientes de educação possibilitam diversas opções de atividades.

O autor considera que se deve caracterizar no espaço formal de educação, a força da matriz heterossexista que impede a integração da diversidade sexual na escola, ainda assim, a educação não se limita ou mesmo restringe aos espaços escolarizados, mas para além dela: para os espaços não formais. Espaços esses que podem existir nos movimentos sociais, nas organizações não governamentais e em todos os locais que possam transformar crianças, jovens e adultos em cidadãos.

O autor também salienta que ao participar de um grupo ou associação LGBT, os indivíduos debatem sobre situações específicas conseguindo assim identificar ameaças e parcerias, o que pode beneficiar tanto educadores como educandos, porém muitas vezes não existe esse diálogo com as escolas, resultado de uma matriz heterossexista que recusa contato com essa população. Assim sendo, Gays, lésbicas, transexuais e travestis despertam nas pessoas raivas, repulsas, medos, etc. Sentimentos que são resultado de conceitos construídos e assimilados nas configurações

sociais históricas, o autor ainda se propõe a questionar as ideias preconcebidas, revelando uma posição ética, que permite a fala e abertura do diferente, com o propósito de aprender a importância da alteridade.

Para o autor a escola, como instrumento da educação formal, constitui um espaço sistematizado e regido por leis e normas padronizadas, possui como meta a diplomação e a capacitação dos sujeitos para desenvolver tarefas específicas, por meio da disciplina e delimitação dos papéis. o autor também discorre sobre sexualidade no ambiente escolar que são marcadas pelo preconceito e limitadas pelo debate da reprodução humana. O autor indaga que as configurações da educação são potentes, resistindo a análises críticas e atigem com violência grupos historicamente colocados como inferiores. o autor coloca alguns exemplos que humanidadeja conheceu, como o nazismo na Alemanha, o *apartheid* na África do Sul, entre outros, em que se conseguiu articular o ódio e a segregação por meio dessas formas de hierarquização social.

Para o autor, nas configurações da escola o preconceito e a subjetivação dele podem criar permissões culturais de violência e violação dos direitos de cidadania. assim os LGBT são rechaçados como algo indevido pelos discursos religiosos, médicos e morais articulados na história. assim, para o autor é preciso repetir que as diferenças de identidade de gênero e orientação sexual também são direitos humanos a serem reconhecidos, seja por meio das parcerias entre educação formal e não formal, da efetivação das políticas públicas com respeito e da criação novas formas de ação a questão específica de cada contexto social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autor enfatiza a noção de diversidade sexual e dinamicidade da construção das sexualidades, sugerindo também um alargamento da noção de diversidade sexual, sem tornar algo absoluto, capaz de explicar e discutir todos os conflitos, possibilidades e limites das sexualidades. Ademais, quando uma pessoa que se define como transexual, travesti ou bissexual deve ser compreendida em sua singularidade e no contexto sócio-histórico em que se encontra, uma vez que, as possibilidades de diálogo ou de repressão serão fundamentais nas oportunidades de acesso aos seus direitos de cidadania. As configurações sociais heterossexistas impedem, muitas vezes, que essas pessoas sejam reconhecidas como cidadãos pelos outros e por si mesmas.

O autor ainda expõe que o termo homofobia é questionado devido a noção de fobia como característica psicológica de sujeitos e grupos. utilizando a heterossexismo, devido a amplitude do seu significado, alargando assim a linguagem, a também o debate sobre a educação formal normalmente volta-se a diálogos com a educação não formal mais próxima de seu espaço de ação e dos processos escolarizados, o que faz com que a população LGBT se aproxime pouco da escola. Diante disso, o autor sugere que ao se realizar debates, que se permita a divergência e o dissenso, uma abertura às diferenças pode ser um grande passo para uma configuração democrática nos processos de formação.

ALICE RAMOS BORGES

Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

E-mail: aliceramos1219@gmail.com

EMILLY DE JESUS FRANCO SILVA

Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

E-mail:

SHEILA COUTO DE SENA

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

SUELI DIAS DOS SANTOS

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

E-mail: